

TEM POPULISMO DE DIREITA RADICAL NO URUGUAI?

Agustina Valeria Martiarena Pazos,
Universidade Federal de São Carlos

Davi J. Franzon,
Universidade Federal de São Carlos

AT - 21. Populismos y neopopulismos

Resumo:

O presente trabalho pretende observar, à luz de teorias recentes que colocam o fenômeno do populismo de direita radical (RRP) em discussão, a possibilidade de adoção de um modelo de medição dessa nova face do populismo para a especificidade da disputa político-partidária latino-americana. Desse modo, partindo de uma abordagem ideacional, acreditamos que será possível elaborar e testar variáveis e mecanismos causais que nos permitirão identificar os fatores de um realinhamento eleitoral em direção ao RRP. Nossas variáveis terão como referência a base de dados das últimas quatro ondas de surveys do LAPOP. Para testarmos nossa hipótese, optamos por estudo de caso acerca da experiência no Uruguai, uma vez que o país latino-americano registrou, nos últimos anos, o aparecimento de novos partidos políticos na disputa das eleições nacionais.

Nosso objeto será o partido *Cabildo Abierto*, organização criada para a disputa eleitoral passada (2019) e que, após formar parte da coalizão de governo, se reinventa para a eleição de 2024. Neste sentido, este trabalho pretende responder a duas perguntas de pesquisa: qual a demanda eleitoral por este partido e se ele pode ser classificado como um partido populista de direita radical. Para tornar viável essa identificação, será observado um conjunto atitudinal de comportamento e, sobretudo, como ele se relaciona com mudanças de valores e/ou atitudes na população uruguaia. Este trabalho entende que a medição destas variáveis é um primeiro passo, ainda que inicial, para compreensão da demanda do populismo de direita, considerando a importância da utilização dos métodos mistos para garantir uma explicação aprofundada e completa do fenômeno.

1 Introdução

Nas últimas décadas, o debate sobre o populismo tomou grande parte dos trabalhos da academia, especialmente a partir da emergência de líderes e partidos com características novas que, para muitos, seriam definidas como populismos de direita radical. Tal fenômeno é encontrado em uma nova organização partidária uruguaia, o *Cabildo Abierto*, que após sua formalização para as eleições de 2019, cujo papel foi marcado por um significativo êxito, surpreendendo tanto o sistema político quanto alguns acadêmicos. Como resultado, a “velha democracia de partidos” do Uruguai viu chegar como terceiro partido uma força política nova e conservadora que apresentou um discurso contrário à opinião pública uruguaia.

Este trabalho pretende, a partir da definição ideacional de populismo, observar o caso uruguaio. Para isso, adotamos variáveis conceituais que permitiram compreender o contexto político e observar a existência de eventos que, a partir da teoria, explicam o surgimento de populismos e como ele correspondem aos desejos autoritários de parcela da opinião pública. Para respondermos à seguinte pergunta de pesquisa: existe um populismo de direita radical no Uruguai? dividimos este artigo em seis seções e as considerações finais. Nas duas primeiras, colocamos em perspectiva o debate teórico sobre o populismo e acerca da vertente de direita radical. Em seguida, apresentamos os métodos e técnicas adotados para análise das informações coletadas. Na quarta e quinta seções, detalhamos nosso estudo de caso, o *Cabildo Abierto*, e as características do discurso propagado pelas lideranças do CA. Na quinta, expomos os dados coletados e que apontam a existência de uma demanda na sociedade uruguaia por um tipo de populismo radicalizado à direita.

Ao descrevermos detalhadamente nosso caso, a partir de um enfoque qualitativo, dados conjunturais, falas dos *cabildantes* e propostas políticas de figuras centrais da organização, localizamos um conjunto de elementos populistas e autoritários. Como objetivo, este artigo ainda almeja estimular novos caminhos para futuras investigações tanto sobre o fenômeno do populismo de direita radical quanto para a ascensão do *Cabildo Abierto*.

1.1 Revisão bibliográfica: os múltiplos significados de populismo

O avanço de novos tipos de organizações e líderes identificados com uma direita radical, tanto na Europa quanto na América Latina, tem como traço em comum a atração do apoio de parcelas significativas da sociedade por meio de pautas com elevado peso moral e por um sentimento de rejeição a determinados temas, em especial medidas de proteção a vítimas de violência física e verbal e de apoio a instituições associadas à democracia. Dado que tal realinhamento da direita radical, ou extrema direita, ocorre em diferentes contextos e ambiente, a Ciência Política adota distintas abordagens para examinar causas e consequências desse cenário, dentre elas a retomada de um conceito que parecia ter caído em desuso nas últimas décadas, o de populismo.

De acordo com Norris e Inglehart (2019, p. 4), o populismo não é uma novidade teórica, suas raízes remontam ao Cartismo, no início da era vitoriana, aos revolucionários Narodniks (populistas), no final do século XIX na Rússia czarista, aos movimentos fascistas do período entre guerras, ao Peronismo, na Argentina, e ao Poujadismo, na França do pós-guerra. Conceito polissêmico, ele tem múltiplas definições ao longo da história, o que permite identificar diferentes correntes que se sucederam cronologicamente na tentativa de delimitar o fenômeno, em especial com relação a sua história e funcionamento na América Latina.

Entender como um conceito global se aplica a uma realidade específica, a experiência uruguaia, demandou uma revisão histórica da teoria sobre o populismo e sua implementação política. A primeira corrente tem origem em trabalhos das décadas de 1950, 1960 e 1970, que mobilizaram o conceito para compreender a emergência de lideranças populares como Juan Perón (Argentina), Getúlio Vargas (Brasil) e Cárdenas (México). Para essa corrente, ele é entendido como um tipo particular de movimento social e político que surgiu nas contradições entre a sociedade tradicional e a industrial (Germani, 1964). Sua composição se dá por uma forma autoritária de dominação e incorporação dos marginalizados à política se valendo de um líder carismático com características caudilhistas, mas sem desenvolver uma ideologia própria ou uma consciência de classe (Di Tella, 1965; Ianni, 1970). Casullo e Arauz (2023) observam que esta abordagem concebe o populismo de forma essencialmente pejorativa, uma espécie de “desvio” da teoria da modernização.

Uma segunda corrente surgiu nos anos 1970 com os teóricos da dependência (Cardoso e Faletto, 1969) e seus interlocutores (Weffort, 1978). Para eles, o populismo não é simplesmente uma “anormalidade” da modernização, mas um sintoma das relações globais assimétricas do processo de industrialização (Murmis & Portantiero, 1971). Assim, longe de ser uma “massa” controlada por líderes carismáticos, a adesão dos trabalhadores ao peronismo na Argentina ou ao getulismo no Brasil era uma resposta racional às condições econômicas estabelecidas pelo modelo econômico latino-americano. O populismo, na tradição latino-americana, pode ser resumido a um governo de compromisso (Weffort, 1978).

Integrando fenômenos sociais e políticos das décadas seguintes, durante os anos de 1980, 1990 e 2000, uma nova corrente de estudos (Weyland, 2001; Panizza, 2005; Laclau, 2005) emerge propondo uma abordagem mais abrangente que não limita o populismo a uma mera consequência de um modelo de desenvolvimento econômico ou como fenômeno restrito a países emergentes. O ponto unificador é conceituá-lo como uma estratégia política, exercida por líderes carismáticos e personalistas, tanto à direita quanto à esquerda, que aproveitam as oportunidades surgidas em meio a crises de representação para disputar e, em caso de vitória, ocupar o poder com o apoio das massas.

De acordo com Laclau (2005), um dos principais defensores dessa corrente, as definições anteriores não abordavam o fenômeno em si, mas apenas suas manifestações, transformando-o em uma espécie de fantasma. Para ele, o populismo não deveria ser concebido como resultado de uma política específica, mas, principalmente, como uma linguagem política própria, uma forma de se fazer política. Essa linha de pensamento é complementada por Panizza (2005) e, posteriormente, por Rosanvallon (2020). Ambos defenderam que, como estratégia política, as lideranças populistas são bem-sucedidas quando: 1) interpretam adequadamente os desejos difusos da massa; 2) fornecem coesão e compreensão a esses desejos; e 3) os colocam na agenda pública de uma maneira que a própria massa talvez não consiga articular.

Uma ampliação dessa perspectiva é oferecida na atualidade por Moffit (2016) ao caracterizar o populismo como uma "performance pública", na qual o líder populista cria uma imagem de si mesmo como um herói antagonista do *status quo* e como o representante do "povo". Moffit afirma que os populistas, em suas performances, misturam elementos populares com antielitismo ao mesmo tempo que recorrem constantemente à ideia de ameaça

ou crise. Para Rooduijn (2014), os populistas, em diferentes épocas e lugares, têm quatro características em comum: a) enfatizam a posição central do povo; b) criticam a elite; c) percebem o povo como uma entidade homogênea; e d) proclamam uma crise séria. Essas quatro características constituem os elementos centrais do populismo.

Por fim, uma última abordagem enfatiza o papel das ideias como centrais na definição de populismo. Tal abordagem passou a ser conhecida como “ideacional” (Mudde, 2005; 2017; Mudde e Rovira Kaltwasser, 2019). Mudde e Kaltwasser (2019) definem o populismo como uma ideologia “fina” que polariza a sociedade em dois grupos homogêneos e antagônicos: o “povo puro” e a “elite corrupta”. Essa perspectiva dicotômica também afirma que a política deve refletir a vontade popular (*volonté générale*). Os autores identificam o fenômeno partindo uma estrutura conceitual densa e autônoma para explicar a realidade. Portanto, o populismo geralmente se associa a outras ideologias para ganhar substância.

Para Mudde e Rovira Kaltwasser (2019), uma ideologia é um conjunto de ideias normativas sobre a natureza humana na sociedade. Embora o populismo não seja tão densamente explicativo, ele tem a capacidade de se aliar a uma variedade de ideologias para criar uma visão de mundo que se adapte a circunstâncias específicas de cada indivíduo. Ao mesmo tempo, a dicotomia “nós” versus “eles”, na qual o “nós” representa o povo puro, representa um apelo à vontade geral e dá forma a um dos pilares da ação política para o enfrentamento de uma elite corrupta. Esses núcleos ideológicos são vagos e podem variar dependendo do tempo e do lugar.

Essa literatura entende que o “povo” é uma construção que dá flexibilidade ao líder que a utiliza, mas que quase sempre é utilizada em combinação tendo como referência uma dessas três definições: povo como soberano, como gente comum e como nação. Em comum, todas em oposição a uma elite. A primeira conceituação é baseada na ideia de que o poder provém do coletivo e que este sempre deve ser considerado; a segunda está associada a um conceito de classe que combina status socioeconômico, tradições culturais e valores populares; a terceira parte de uma definição de em termos cívicos ou étnicos. Os populistas “combinaram diferentes interpretações de elite e de povo, como a classe, a etnicidade e a moralidade” (Mudde e Rovira Kaltwasser, 2019, p. 47). Os líderes populistas se identificam como a voz do povo e isto acontece em relação à cultura política da sociedade na qual se desenvolvem. Em suma, o populismo, para esta escola, nasce de três condições: 1) uma

cosmologia maniqueísta e moral; 2) a criação e defesa do “povo” como comunidade homogênea e virtuosa; e 3) o enquadramento de uma “elite” como uma entidade corrupta e egoísta (Aguilar e Carlin, 2017; Hawkins e Rovira Kaltwasser, 2017).

Para identificarmos as distinções do caso uruguaio, optamos por uma abordagem do populismo que superasse as estruturalista, econômica e de estratégia política. Nossa escolha foi examinar o fenômeno do *Cabildo Abierto* a partir de uma perspectiva ideacional do populismo. Essa escolha nos permitiu aplicar o referencial teórico à realidade empírica do caso escolhido, permitindo a apresentação de nossas inferências sobre as causalidades que tornaram o ambiente político-eleitoral uruguaio propício para um novo tipo de organização.

A dimensão ideacional do populismo compõe uma agenda de pesquisa comparativa que coloca em análise a forma e conteúdo do discurso populista. Neste enquadramento, o fenômeno (populismo) é colocado como parte em um enquadramento mais amplo, permitindo a construção de uma tipologia discursiva pluralista, permitindo identificar pontos positivos nas elites e as falibilidade das massas, superando a dicotomia elite/massas utilizada por líderes e partidos populistas. A abordagem ideacional caracteriza o populismo como um conjunto de ideias que pode ser combinado com uma série de características ideológicas. O modelo permite examinar causas e consequências do populismo, incluindo o impacto sobre a política e as instituições democráticas (Hawkins & Rovira Kaltwasser, 2017).

Neste estudo de caso, comparamos as definições de populismo oferecidas pela literatura com a abordagem ideacional. A primeira distinção se dá no uso dos conceitos de elitismo e pluralismo, cuja tradição latino-americana gestou três distintos subtipos de populismo: econômico, estruturalista e uma nova estratégia de abordagem do populismo. No primeiro caso, o fenômeno é visto como resultado de um conjunto de políticas macroeconômicas adotadas com objetivo eleitoral que, no final, resulta mais em danos do que em benefícios. Tal tipologia classifica essas políticas a partir de um superdimensionamento de temas relacionados à economia, como controle inflacionário e ajustes estruturais. A tipologia é, com frequência, adotada por jornalistas e *policy makers* que colocam uma elevada carga pejorativa sob governos populistas (Hawkins & Kaltwasser, 2017).

No caso da abordagem estruturalista, a ascensão e funcionamento de um governo populista são explicados por meio de uma revisão do modelo de desenvolvimento adotado no passado, em especial nos países da América-Latina, em que o Estado tem papel central

nesse histórico. Essa tipologia de populismo tem como dimensões a formação e a relação entre classes, o avanço de líderes e movimentos carismáticos pelo discurso de rejeição ao status quo e uma política de industrialização. Esta definição coloca em perspectiva não somente os políticos responsáveis pelas políticas públicas, mas também os efeitos sobre a formação das classes e as relações entre elas (Hawkins & Rovira Kaltwasser, 2017).

A terceira dimensão associa o fenômeno a movimentos de massas conduzidos por líderes carismáticos outsiders. Tais líderes ganhariam força por meio de um discurso crítico às elites e a promessa de governos orientados de baixo para cima. A tipologia é similar à estruturalista na ênfase dada sobre a política, mas engloba os movimentos sem um apelo à relação de classes ou políticas econômicas. O discurso, nesta abordagem, é visto como insuficiente como um fenômeno para entender partidos e movimentos populistas.

Feita essa revisão da literatura, podemos afirmar que as três - econômica (peso sobre política econômica); estruturalista (sobre regimes políticos); e a nova abordagem (estratégia política) têm em comum a pouca atenção dada ao conjunto subjacente de ideias que podem explicar a tipologia de populismo que identificamos no Uruguai a partir de 2019, um populismo radical de extrema direita. É nesta dimensão que a abordagem ideacional nos deu os meios necessários para examinarmos nosso caso tendo como variáveis-chave suas ideias e discursos, uma vez que ela localiza nas ideias populistas a principal força de ação por trás das demais características de movimentos populistas.

A abordagem ideacional do populismo não é limitada a uma simples conceitualização particular em uma determinada experiência, mas oferece argumentos teóricos sobre a importância das ideias para análises causais. Neste sentido, podemos interpretar o fenômeno populista tendo como referência uma tipologia mais específica e articulada do que uma mera conjunto de características. Como resultado, ela abre caminho para identificar o “hospedeiro” do populismo em uma conjectura específica, como no caso da extrema direita no Uruguai.

Optamos por essa técnica porque ela nos permitiu destacar de forma clara e minimamente objetiva as características fundamentais do *Cabildo Abierto* por meio da operacionalização do conceito de extrema direita em variáveis empíricas, possibilitando assim colocarmos a teoria à prova (Mudde e Rovira, 2019). Além disso, ao não limitar o fenômeno a um contexto específico, essa abordagem se torna particularmente útil em pesquisas comparativas, buscando identificar padrões comuns entre diferentes grupos e

compreender suas particularidades. Em terceiro lugar, ela proporciona um consenso mínimo sobre um conceito tão amplamente discutido, facilitando, assim, a análise ao longo do tempo e em diferentes contextos geográficos (Rooduijn, 2014).

1.2 Populismo de direita radical

Assim como o populismo, o conceito de direita foi adquirindo diferentes interpretações ao longo do tempo, especialmente quando observamos os casos em contextos distintos. Do ponto de vista histórico, tanto a direita quanto a esquerda surgiram durante a Assembleia Nacional da Revolução Francesa, na qual os defensores da manutenção do Antigo Regime sentavam-se à direita, enquanto aqueles que advogavam por uma nova ordem ficavam à esquerda. A partir dessa diferenciação espacial surgiram dois polos ideológicos opostos, um conservador, mais à direita, e outro liberal, à esquerda.

Da Revolução Francesa aos dias de hoje, o conteúdo preciso dessas classificações segue em debate. A definição de Bobbio (1996) é provavelmente uma das mais influentes e pressupõe que os termos “direita” e “esquerda” surgem sempre em dualidade. Bobbio enfatiza que ambas são expressões e posições opostas e excludentes, pois não pode haver liberdade total se houver igualdade e vice-versa. No entanto, o conteúdo atribuído à direita e à esquerda pode variar conforme o contexto, mantendo-se a oposição fundamental entre elas.

Com o passar do tempo, a academia observou e caracterizou um conjunto de “direitas”. Atualmente, esse espectro vai da direita clássica (*mainstream right*) até a ultradireita (*far right*). Em relação a *far right*, Mudde (2021) defendeu que há uma diferença entre as “radicais” e as “extremas”. Estas últimas rejeitam a essência da democracia, incluindo a noção de soberania popular e o princípio da maioria. Por outro lado, a direita populista radical é tipificada por aceitar a essência da democracia, enquanto rejeita seus aspectos liberais, como os direitos das minorias e a separação de poderes. O autor observa que, em alguns casos, essas tendências podem se unir e dar forma à “ultradireita”.

Rovira Kaltwasser (2023) defende um argumento semelhante ao pontuar que a diferença entre a direita “clássica” e a “ultradireita” está no nível de radicalidade ou na relação com a democracia. Assim, enquanto a primeira tende a ser relativamente moderada e respeita as regras do jogo, a segunda é extremista e tem uma relação problemática com a democracia, incluindo com o componente liberal.

A expansão da ultradireita surge na década de 1980 quando intelectuais da *Nouvelle Droite*, na França, defendem a necessidade de uma mudança na hegemonia cultural, substituindo a dimensão sociocultural sobre a clássica distinção socioeconômica (Rovira Kaltwasser, 2023). Na mesma época, há uma mudança na forma de fazer política tanto no partido Republicano estadunidense quanto no *partido* conservador inglês. Soma-se a este dois fortalecimento de Jean-Marie Le Pen e sua Frente Nacional nas eleições para o Parlamento Europeu (Doval e Souroujon, 2023).

Assim, inicia-se um novo momento em que a ultradireita não só confronta a esquerda, mas também a direita clássica. Apesar das grandes diferenças dentro da direita, podemos observar que, atualmente, há um caldeirão no qual a dimensão sociocultural leva as diversas vertentes da direita a assumirem formas variadas. Quando se trata da ultradireita, ela pode ser descrita como uma família diversificada e multifacetada, abrangendo desde movimentos e partidos da extrema direita, que são antidemocráticos e racistas, até aqueles que nutrem nostalgia pelo fascismo, de um lado, e movimentos e partidos da direita radical, populistas, democráticos iliberais e nativistas, do outro (Doval e Souroujon, 2023, p.2).

A ultradireita europeia contemporânea muitas vezes apresenta uma agenda programática que se opõe aos valores progressistas defendidos tanto pela esquerda quanto pela direita tradicional (Rovira, 2023; Mudde, 2007; 2013). Essa agenda radical defende claramente posições socioculturais contrárias ao multiculturalismo e frequentemente adota medidas xenofóbicas. Há uma dualidade em suas propostas econômicas, com algumas vertentes até mesmo defendendo versões do Estado de bem-estar social, mas essa rede de proteção deve limitar-se a atender a população efetivamente nativa.

Ao olharmos para a experiência latino-americana, identificamos que a experiência da direita radical emergiu com vigor no cenário político e acadêmico após o giro à esquerda dos anos 2000, efeitos da chamada “onda rosa”. Anteriormente, acreditava-se que a direita, centrada no discurso econômico, não tinha capacidade atrair o voto de um eleitorado sob os efeitos negativos de governos neoliberais. No entanto, ela adaptou-se e incorporou a dimensão sociocultural (Luna e Rovira, 2014), mobilizando demandas latentes em oposição à chamada agenda de direitos (Stefanoni, 2021) e estabelece laços internacionais sem perder sua identidade específica (Sanahuja e Lopez, 2020; Forti, 2021; Doval e Souroujon, 2023).

Em resumo, ao considerarmos tanto a ultradireita europeia quanto a latino-americana, observamos mais semelhanças do que diferenças. Ambas são forças políticas radicais e reacionárias que se opõem à democracia. O que as diferencia é o objeto da reação, ou seja, as minorias que ameaçam o status quo defendido pelos ultradireitistas. Enquanto na América Latina o foco se dá principalmente na ascensão de minorias raciais ou sexuais, o modelo europeu tem a questão migratória como variável-chave.

No caso desta pesquisa, busca-se compreender o populismo ligado à direita radical, entendendo essa classificação como um tipo específico, marcado pela antipatia e contestação ao conjunto de normas e princípios democráticos. A interseção entre "populismo" e "direita radical" é invariavelmente influenciada pelo contexto e pela história, uma vez que cada nação tem sua própria trajetória social e política que molda a natureza específica dessa interação. No entanto, há dois fenômenos que frequentemente estão presentes nessa relação simbiótica e que, portanto, podemos tomar como padrão: o nativismo e o autoritarismo (Mudde, 2017).

O nativismo surge da combinação entre o nacionalismo e a xenofobia, dando origem ao que Mudde (2017) descreve como uma etnocracia, fenômeno que percebe a “etnia estrangeira” como hostil e uma ameaça aos direitos e oportunidades dos nativos. Tal forma de política violenta está em ascensão na Europa, especialmente em relação aos imigrantes islâmicos do norte da África, mas também nos Estados Unidos em relação aos hispânicos.

Seguindo as interpretações de Sanahuja e Lopez (2023), reconhecemos que a aplicação do conceito de nativismo, conforme desenvolvido em pesquisas na Europa, é problemática na América Latina. Embora não estejam ausentes nas sociedades latino-americanas, seu significado histórico é substancialmente diferente daquele encontrado em países colonizadores, desenvolvidos e com instituições democráticas antigas. Parece-nos mais apropriado, portanto, adotar o conceito conforme sugerido pelos autores, não diretamente ligados a uma "etnia nativa", mas sim à “identidade nacional homogênea” caracterizada por uma retórica patriótica em torno da ordem e da justiça, personificada pelas “pessoas de bem” e “corretas”, em oposição aos “bandidos” e “corruptos”.

A segunda característica essencial dessa interseção entre o populismo e a extrema direita é a retórica do autoritarismo, que será um tema bastante discutido no trabalho de Norris e Inglehart (2019). Concordando com o argumento central da teoria ideacional do populismo, os autores (2019, p. 4) avaliam que o fenômeno teria como principal característica

“se adaptar com flexibilidade a uma variedade de valores e princípios ideológicos substantivos, tais como populismo socialista ou conservador, populismo autoritário ou progressista, e assim por diante”. No caso do populismo de extrema direita, uma propriedade frequente é, justamente, a do “autoritarismo”.

Segundo os autores, o autoritarismo é caracterizado pela conformidade, segurança e lealdade. Argumenta-se que os apelos autoritários resultam em algo semelhante a uma relação com um líder tribal, enfatizando a solidariedade entre grupos, uma adesão estrita às normas internas e a rejeição aos de fora. Nesse contexto, a ascensão de líderes populistas de extrema direita, mesmo em democracias consolidadas, não foi apenas uma busca por legitimidade como representantes do povo, mas também um movimento de combate à corrupção, baseado em sua retórica antiestablishment e antielitista. Essa retórica, por sua vez, alimenta a desconfiança nas instituições democráticas e, nos casos mais intensos e dependendo do contexto, da própria democracia.

Para analisarmos como se conformou a demanda por este tipo de direita radical no caso uruguaio, este trabalho entende que as atitudes populistas se encontram latentes, mas emergem quando há uma sincronia entre situações do contexto socioeconômico e político. A demanda pelo populismo ocorre “quando há uma percepção geral de que as ameaças à existência da sociedade estão presentes” (Mudde; Rovira Kalwasser, 2017). Quando coincidem um conjunto de situações, seria possível localizar uma “tormenta perfeita” que permite a ativação das atitudes populistas.

Os fatores que criam as condições necessárias para a emergência das atitudes populistas são: a) percepção geral de que as ameaças à existência mínima da sociedade, como recessão econômica ou divulgação sistemática de casos de corrupção; b) sentimento geral de que o sistema político não responde e a população sente abandonada pelo establishment; c) combinação de aspirações democráticas e sentimento antiestablishment particularmente entre grupos sociais discriminados.

Estas atitudes populistas são as que se desprendem da definição do populismo ideacional: 1) divisão do mundo entre povo e elite; 2) entendimento do povo como virtuoso contra a elite corrupta; e 3) governo deveria seguir a vontade geral. As atitudes populistas a serem observadas são: a) percepção negativa dos políticos e da política, b) a política como antagônica e c) priorização da vontade popular.

Como este trabalho foca no populismo de direita radical, observamos aquelas atitudes específicas deste tipo de direita. Essas características específicas, como apontamos acima, ganham forma por meio de elementos ideológicos: nativismo, autoritarismo e populismo (Mudde, 2007). Como consideramos que o nativismo é mais útil para explicar o caso europeu do que o latino-americano, ele não será abordado, o que nos deixou com dois conceitos: autoritarismo e o populismo. Cabe destacar que, no primeiro caso, a América Latina deve ser observada em associação ao punitivismo pelas forças de segurança.

2. Métodos e técnicas

Por se tratar de um desenho de pesquisa qualitativo, buscaremos responder à pergunta que guia este trabalho por meio de um estudo de caso único, o partido *Cabildo Abierto*. Tomando como referência a literatura que elenca os critérios essenciais para a escolha de modelos compostos por poucos (*small-N*) ou muitos casos (*large-N*), a escolha da organização se deu uma vez que ela preenche as lacunas: delimitação espacial e temporal, relevância para a teoria, oferece informações que podem ser utilizadas na construção de uma resposta ao problema apresentado.

Para a Ciência Política, os casos podem ser explicados como acontecimentos, agentes e situações complexas com dimensões variáveis em interconexão. Eles são uma construção intelectual, aplicada para explicação do objeto de estudo em um determinado contexto e tendo como referência informações disponíveis sobre ele. Também podem ser entendidos como fenômenos e eventos definidos e estudados empiricamente (Neto, Albuquerque, Silva, 2024; Yin, 2015; Perissinotto & Nunes, 2023). Sistematizamos a seguir as definições de caso localizadas na Ciência Política.

Quadro 1: “Casos” segundo a literatura da Ciência Política

Autor	Definição
King, Keohane, Verba (1994)	Um fenômeno do qual nos reportamos e interpretamos uma única medida de qualquer variável pertinente...
Mjosøet (2009)	Um caso é um desfecho precedido por um processo que se desenrola no tempo...
Simons (2009)	Uma situação ou um fenômeno em seu contexto...
Stake (1999)	Quando trabalhamos em Ciências Sociais e serviços humanos, é provável que [o caso] seja um alvo que tenha até uma personalidade. O caso é um sistema integrado.
Yin (2003)	Algum evento ou entidade. Uma unidade de análise, definida e delimitada.

Fonte: Manual para a Pesquisa Qualitativa (Neto, Albuquerque e Silva, 2024).

A escolha dos casos ou caso não segue a lógica da inferência estatística por amostragem, mas uma lógica inferencial qualitativa, relacionada à suficiência do caso (ou casos) em fornecer as informações necessárias para uma resposta ao problema de pesquisa. Definida a unidade de análise para o desenho de pesquisa, o próximo passo a ser dado é extrair os dados relevantes a partir das peculiaridades do objeto (s) escolhido (s). Como explica Gerring (2004, p.342), a técnica permite um estudo imersivo em uma única unidade com o propósito de compreender uma classe maior de unidades semelhantes.

Ragin (2009, p.225) aponta que um estudo de caso limita o mundo empírico a um fenômeno específico, conectando-o a ideias teóricas, resultado de um esforço para vincular ideias e evidências. O caminho metodológico prevê a “mineração” de informações relevantes do caso e compará-las com categorias previstas na literatura sobre o tema em análise, não deixando à margem o contexto de formação, a estrutura e os mecanismos de funcionamento do caso escolhido. Para executar esse percurso, devem ser executadas três etapas: a extração, a comparação e a análise dos elementos do caso ou casos escolhidos ().

Quadro 2: os passos para adoção de um estudo de caso

Passo	Funcionamento
Extração	Busca no caso as informações (dados) relevantes que possam contribuir para a solução do problema de pesquisa dentro do recorte proposto.
Comparação	Confrontar os dados encontrados com as inferências da literatura sobre o tema, especialmente as categorias de análises pré-determinadas.
Análise	Construir uma explicação para o fenômeno estudado, a partir das informações extraídas e da comparação entre os dados esperados e encontrados, dentro de cada categoria, focando nos processos, mecanismos e relações causais.

Fonte: Manual para a Pesquisa Qualitativa (Neto, Albuquerque e Silva, 2024).

O estudo de caso é a ferramenta adequada para se obter corretamente inferências qualitativas sobre o objeto de estudo, a partir de um caso único ou de um conjunto formado por múltiplas ocorrências. Desenhos de pesquisa que seguem esse modelo, como é este caso, dependem da apresentação do contexto em que o objeto se forma e, na sequência, permitem a produção de um conhecimento específico e descritivo (Neto, Albuquerque e Silva, 2024). A escolha pelo método justifica-se porque preenchemos aos dois requisitos essenciais para não deixar dúvidas sobre a escolha: há estudo de caso apenas quando se coletam informações a partir de um fato, nesta pesquisa isso dá no caso escolhido, o Cabildo Abierto; estas informações concretas (empíricas) servirão para solucionar a questão de pesquisa, a reposta à pergunta de pesquisa: existe populismo de direita radical no Uruguai?

2.1 Nosso caso (O Cabildo Abierto)

Após quinze anos de ocupação da presidência pela esquerda por meio da Frente Ampla, a eleição nacional de 2019 ganha destaque por oferecer as condições para um novo realinhamento na disputa de forças no Uruguai. Com o desgaste da Frente Ampla, a vitória nas eleições nacionais é de uma coalizão que reúne todas as direitas uruguaias e uma parcela do centro. Um dos partidos que integra essa coalizão, e que irrompeu no período pré-eleitoral,

foi o Cabildo Abierto (CA). Para alguns, este partido representa uma nova direita, uma direita “neopatriota” (Sanauha; Lopez, 2020), um caso de “vinhos novos em odres velhos” ou uma “tradição inovadora” (Caetano, 2023). Uma direita que canaliza um sentimento latente (Martiarena, 2021), uma ultradireita (Tanscheit, 2023).

O Cabildo Abierto irrompeu no cenário político em março de 2019, sete meses antes da primeira rodada das eleições nacionais e se impondo como quarta força política. Considerando que a democracia uruguaia é um sistema político caracterizado pela forte presença de velhos partidos; o debate sobre a centralidade nas organizações partidárias construiu uma história unificada do passado nacional, na qual todas as manifestações sociais e políticas da sociedade se vinculam a partidos (Demasi, 2008). O avanço dessa organização foi surpreendente para muitos estudiosos.

O partido nasce a partir da institucionalização do Movimiento Social Artiguista (MSA), fundado um ano antes do pleito. Ao tomar o nome de Cabildo Abierto, a organização resgatou fortemente o legado hispanista e *artiguista*, e o MSA passou a ser a principal tendência do partido, cujos principais dirigentes compõem a lista de membros fundadores e suas principais lideranças. Segundo reportagem do jornal La Diaria, em 4 de abril de 2020, o MSA começou em 2018 tendo por trás o geógrafo e jornalista de La Mañana, Marcos Methol, filho do pensador Alberto Methol Ferré; o notário e advogado Guillermo Domenech, atualmente senador, filho do líder nacionalista Gervásio Domenech; e o proprietário rural, diretor do jornal La Mañana e ex-líder da JUP, Hugo Manini Ríos (morto em 2023).

Para Caetano (2023), o CA rapidamente conquistou a direita mais radical das organizações tradicionais, a “família militar” e diversos núcleos contrários ao partido *Frente Amplio*, ao mesmo tempo em que incorporou setores populares que antes votavam no ex-presidente José Mujica. A organização ascendeu como uma resposta da direita uruguaia aos efeitos da chamada “onda rosa” no país. O fenômeno, que representou vitórias seguidas de líderes de esquerda em países da América Latina entre as décadas de 1990 e 2000, uma resposta das sociedades de cada país aos efeitos negativos do modelo econômico neoliberal. Os impactos políticos da “onda rosa” foram influenciados pelas características e o contexto de cada país (Francisco Panizza apud Silva, 2010).

A mudança levou Hugo Chávez ao poder na Venezuela, em 1998, Ricardo Lagos, no Chile, em 2000, Lula, no Brasil, em 2002, Tabaré Vázquez, 2004, no Uruguai, Evo Morales,

na Bolívia, 2005, Daniel Ortega, na Nicarágua, 2007, Rafael Corrêa, Equador, 2007, Mauricio Funes, El Salvador, 2009 (Silva e Freixo, 2023). Já no final da década de 1990, a partir da eleição de Hugo Chávez na Venezuela, e durante a dos 2000 o continente latinoamericano atravessou pela chamada maré rosa (Panizza, 2008) ou giro à esquerda (Peixoto de Oliveira, 2019), quando grande parte das eleições nacionais foram ganhas por candidatos ou partidos de esquerda: Ricardo Lagos no Chile em 2000; Lula no Brasil em 2002; Néstor Kirchner na Argentina, em 2003; Tabaré Vasquez no Uruguai, em 2004; Evo Morales na Bolívia, em 2005; Rafael Correa no Equador em 2007; Fernando Lugo no Paraguai, em 2008; nos quais a maioria tiveram seus presidentes ou partidos reeleitos.

A Ciência Política ainda debate sobre como conceituar cada experiência registrada a partir do início da “onda rosa”. Fuser (2018) crítica a versão que aponta a ascensão de duas esquerdas, divididas entre refundadores e reformadores. No primeiro grupo, também chamado de bolivariano, estariam Chávez, Morales, Corrêa, Funes e Ortega; no segundo, nomeado de social-democrata, Lagos, Lula e Vázquez (Silva e Freixo, 2023). Contudo, a maré rosa não foi homogênea (Arantes, 2016) trata-se de um fenômeno plural. Em comum, estes governos implantaram uma agenda voltada à redução das desigualdades sociais, especialmente econômicas. Como o nome indica, a onda ou maré rosa foi menos radical que as vermelhas da década de 1960, mas isto não evitou reações tanto em nível nacional quanto internacional.

Segundo Bohoslavsky (2023), essas mudanças inovaram em três aspectos: maior regulação da economia e distanciamento do Fundo Monetário Internacional (FMI); instauração da agenda de direitos e adoção de políticas de memória e reparação pelos crimes das ditaduras. Embora nem todos os países tenham implementado essas três mudanças com a mesma intensidade, para alguns líderes de direita, essas ameaças eram percebidas como reais. As especificidades locais são essenciais para o entendimento de como essa guinada à esquerda alterou a correlação de forças em cada país. No caso uruguaio, os efeitos da política econômica neoliberal foram mais “lentos”, uma vez que o Estado tem, historicamente, papel central no funcionamento da máquina pública, incluindo a assistência à população. O mesmo ocorreu na transição da gestão do governo pelos partidos tradicionais, Nacional (blancos) e o Colorado, para a Frente Ampla. A mudança se deu de forma paulatina e sem choques traumáticos (Lanzaro, 2003). Após experiências bem-sucedidas na administração de Montevideu, decorrência das vitórias nas eleições de 1989, 1994 e 2000, a FA obteve o

capital político necessário para ocupar o vácuo gerado pela crise dos partidos tradicionais e por um realinhamento eleitoral. Como resultado, o Uruguai passa de um sistema bipartidário para um multipartidarismo moderado (Lanzaro, 2003; Moreira, 2004).

O ciclo de governos da Frente Ampla é marcado por mudanças macroeconômicas, com a redução da pobreza, e pela entrada em vigor da chamada agenda “dos novos direitos”, que incluía a legalização aborto, da canabis e do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Essa agenda seria alvo principal da direita no fim do ciclo de governos da Frente Ampla, marcado pela derrota para o colorado Luis Alberto Lacalle Pou, que chegou ao poder tendo o apoio de uma coalizão de partidos, incluindo o *Cabildo Abierto*.

O CA, desde a campanha política, apresentou características similares às direitas que emergiram em outros países, mantendo características locais, especialmente com tradições que pareciam abandonadas (Martiarena, 2021). Se apresentou como uma organização diferente, cujo slogan “acabou o recreio”, funcionou tanto para a aérea da segurança pública como um aviso para o establishment político e econômico e para as políticas voltadas às minorias sociais. Sua fundação coincidiu com a nomeação do seu candidato à presidência, o ex-chefe do exército Guido Manini Ríos. Com origem em uma família política, de tradição *colorada, riverista*, que se associa com o conservadorismo, o catolicismo, o mundo rural e dono de um jornal conservador (Caetano, 2021; Demasi, 2019; Bruno, 2007; Jacob, 2006).

Pedro Manini Ríos deixou a política em 1942 e seu jornal, *La Mañana*, continuou em ação e, a partir da divulgação de notícias anticomunistas, ajudou a consolidar a visão política do ruralismo. Posteriormente, funcionou como órgão de comunicação de outras organizações de direita, servindo como pontapé inicial de uma corrente conservadora capaz de se unir a frações de pensamento similar. É dessa tradição que origina o partido, que pese não a mencionar. O CA se legitima a partir da figura do herói da independência nacional, José Gervasio Artigas, pois adota seu nome para batizar o movimento que lhe deu origem. Símbolos que remetem a Artigas, como a bandeira de seu movimento, aparecem repetidamente no programa e nos discursos de líderes do *Cabildo* (Martiarena, 2021). Domenech chegou a comparar a Manini Ríos com Artigas no fechamento da campanha na fronteira com o Brasil: “Deus mandou a Manini Ríos para guiar aos *artiguistas*”.

Tanto interna quanto externamente, as ações do *Cabildo Abierto* remetem a velhas tradições da direita uruguaia além do riverismo e aproximam-se do ruralismo de Benito

Nardone, do herrerismo da década de 1950 e do pachequismo (Caetano, 2021, 2023; Martiarena 2021). Tradições conservadoras, liberais, tradicionais, com um certo nativismo rural, católico e profascista (Caetano, 2021). A ascensão política de Guido Manini Ríos aconteceu, diretamente, como candidato à presidência, semanas após ser demitido pelo Presidente da República do cargo de comandante em chefe do exército nacional. Isso aconteceu após críticas ao Poder Judiciário e ser acusado pelo ocultamento das confissões do militar José Nino Gavazzo ante o Tribunal de Honra militar. Gavazzo foi julgado por ser acusado de ter jogado, em 1973, no Río Negro, o corpo do tupamaro Roberto Gomensoro. Em resposta, divulgou uma mensagem em vídeo no canal oficial do exército. Vestindo roupas militares, declarou: “incapazes de ver a realidade, cegos pela soberba ou presos em seus prejuízos ideológicos e pela ação dos que lucram com o confronto, transformados em peões bem pagos dos centros de poder mundial” e continua afirmando que isto levaria a “destruição das nossas instituições e deixa os uruguaios no mais absoluto estado sem defesa”.

Apesar de não ser o primeiro militar a integrar um partido político no país - inclusive principais figuras da Frente Ampla eram militares -, foi o primeiro candidato à presidência identificado e cercado por pessoas com um “olhar militar” da sociedade (Martiarena, 2021). Isto é importante porque, como vimos acima, o autoritarismo e a crítica às instituições democráticas ou establishment é importante para compreender o populismo de direita radical.

Fundador e presidente do partido, Guillermo Domenech é notário e advogado, se define como cristão e, assim como seu pai, integrou o Partido Nacional, o setor *herrerista*. Explicando o partido em entrevista para La Diaria, no dia 4 de abril de 2020, declarou que apesar das trajetórias diferentes dos membros, a união entre eles foi fruto de uma coincidência na “concepção cristã da vida” e vinculou essa cosmovisão com o *artiguismo*.

Assim como a maioria dos membros do partido, Domenech é crítico à chamada agenda de direitos, isto foi visível desde a formação do partido e durante a campanha eleitoral. Em um ato político, Domenech definiu essa agenda de direitos como “o matrimônio homossexual, o aborto, a legalização da maconha e alguma outra coisa” e agregou: “daqui a pouco vão nos impor alguma lei pela qual a homossexualidade seja obrigatória”. Durante a votação pelo pré-referendo que buscou a revogação da “Lei Trans” Manini Rios declarou à imprensa que não concordava com a ideologia de gênero que desejam impor. Estas de falas

são sistemáticas e, por exemplo, apresentam o feminismo e a luta pelos direitos da população LGBTQIA+ como uma “ameaça” à sociedade (Martirena 2021).

Membros do CA têm vínculos com a JUP (Broquetas; Cateano, 2023), organização muito ativa na luta anticomunista até o início da ditadura uruguaia. Segundo Bucheli (2020), ela foi fundamental na construção do ambiente social e político do governo autoritário, mediante seu discurso de confrontação, suas mobilizações e o uso da violência, valendo-se do patriotismo e anticomunismo já enraizados como forma de reação frente ao caos que significava, para eles, o avanço da esquerda. Outro ponto fundamental é a relação com o revisionismo histórico. A organização, desde sua fundação, tem uma relação estreita com as reações geradas entre militares da reserva e civis vinculados à ditadura, especialmente após os processos judiciais de 2005 e a aplicação de políticas de memória (Broquetas, 2022). O partido se enquadra no que Broquetas e Caetano (2024) consideram ser um momento de incipiente guerra cultural ante pautas progressistas.

Extraídas, comparadas e analisadas as informações de nosso estudo de caso, podemos definir o Cabildo Abierto como o aglutinador das direitas mais conservadoras que pareciam ter perdido sua representação no país; Esse papel ocorre a partir da incorporação de elementos novos e com seu componente populista, patente ao mostrar como os representantes do “povo uruguaio” e enfrentam políticos tanto nacionais quanto estrangeiros que buscam minar a soberania e tradição nacional. Para darmos empiria à tipificação do Cabildo Abierto como o partido que representa o populismo radical no Uruguai, sistematizamos projetos de lei apresentados por integrantes da legenda no parlamento uruguaio a partir de 2020.

Quadro 3: propostas do CA no Parlamento Uruguaio entre 2020 e 2024

Tema	Conteúdo
Indenização para vítimas de crimes cometidos durante a ditadura uruguaia (policiais, militares e civis) por grupos armados de caráter ideológico.	A reparação moral e patrimonial deverá ser feita às vítimas, ou a seus sucessores, quando apropriado, dos atos ilícitos perpetrados entre 1º de janeiro de 1962 e 31 de dezembro de 1976 por membros de grupos organizados e armados com objetivos políticos ou ideológicos, que, como consequência ou por ocasião de tais atos, tenham sofrido perda de vida, incapacidade permanente, total ou parcial, para o trabalho ou privação de liberdade por mais de setenta e duas horas.
Violência de gênero contra mulheres.	O problema social e moral da violência de gênero no desenvolvimento de nossas sociedades é inegável. No entanto, o "submundo das falsas alegações"

	tornou-se um problema social e relacional entre homens e mulheres. Embora a proteção da suposta vítima seja necessária, ela pode, em alguns casos, levar a graves abusos e vitimização e crianças podem ser mantidas reféns da situação. A proteção contra a violência de gênero, Lei 19580 de 09/01/2018, não respeita o princípio da inocência nem o direito ao devido processo legal.
Equiparação salarial entre policiais na ativa e aposentados (incluindo pensionistas).	Dar uma resposta a um grupo de policiais ativos e aposentados prejudicados por sucessivas modificações de benefícios e categorizações de cargos implementadas e suprimidas por legislações nos últimos anos. Resultado, quando se aposentam ou quando vão se aposentar, sofrem uma diferença considerável em seus benefícios de aposentadoria. A situação é tão grave que, para o mesmo cargo, categoria e idade, as diferenças podem chegar a até vinte mil pesos uruguaios.
Ampliação da possibilidade de prisão preventiva.	Uma vez iniciado o processo, quando a investigação estiver formalizada a pedido do Ministério Público, a Corte poderá ordenar a prisão preventiva do acusado se houver indícios de provas da existência do fato e da participação do acusado e provas suficientes para presumir que o acusado tentará fugir, ocultar ou dificultar a investigação de alguma forma, ou que a medida seja necessária para a segurança da vítima ou da sociedade (artigo 15 da Constituição da República). Para esse fim, o tribunal deve ter acesso ao arquivo do promotor.

Fonte Levantamento feito pelos autores.

2.2 O discurso antagônico do Cabildo Abierto

A partir das informações detalhadas no quadro de nº 3, buscamos localizar a gênese dessas propostas, cujos alvos principais são a nova agenda de direitos e a esquerda uruguaia. O *slogan* da campanha de Cabildo Abierto para as eleições de 2019 trouxe como mensagem principal: “acabou o recreio”. São variadas as formas de interpretá-la, por isso analisamos diferentes instâncias nas quais os principais membros do partidos realizaram pronunciamentos que ajudassem a localizar a “visão de mundo do CA” e a relação com a demanda pelo populismo radical na sociedade.

Iniciamos pelo claro sentimento de “punitivismo” do discurso e o peso do vínculo militar na organização, uma vez que a polícia é associada com a vocação de serviço e cuidado. Em 2022, Manini Ríos declarou que ela defende os mais frágeis. Ao comentar o assassinato de um policial, disse que era preciso “fechar fileiras, com firmeza, sem claudicações, ante

esse tipo de delito irracional. Ante essas infames atuações de quem, durante anos, acostumou-se a agir totalmente fora da lei, sem respeitar nada”. A polícia é associada com a segurança, com a imposição da ordem e o Cabildo, em seu discurso, promete defendê-la.

O discurso da partido funciona por meio de antagonismos e peso sobre a moralidade. As forças policiais defendem as pessoas “de bem” de “criminosos” e ambos podem contar com a proteção da legenda. Do outro lado, a criminalidade tem nos governos da esquerda o ambiente propício para atuar livremente. Em novembro de 2021, Manini Ríos deixou claro que seu alvo era a Frente Ampla: “quinze anos de medidas equivocadas levaram à desobediência civil. Tem se inculcado, às vezes desde a escola, a falta de respeito”. A esquerda e outros grupos dividem os uruguaios aparece em todos os eixos das falas das lideranças. A causa de um suposto enfraquecimento social é creditada a uma juventude com uma vida de ócio, drogas e crime. A missão do CA, ao lado das velhas direitas, é resgatá-los

A construção de inimigos também compõe o discurso. O avanço do feminismo é visto como uma ameaça. Esse sentimento radical ganha forma em declarações seguidas de lideranças e parlamentares. Destacamos Algumas falos os casos em relação ao dia 8 de março – Dia Internacional a Mulher. Na data, a maioria dos representantes homens cede seu lugar a uma mulher que seja suplente no Parlamento. Em 2022, a deputada Inés Monzillo¹ declarou que considerava o momento em “que as feministas radicais não falem mais em nome de todas as mulheres”. Ela se definiu como parte de um “feminismo dissidente, pró-vida, que aceita a diversidade de opiniões, mas que não acredita na vitimização constante”. Um ano antes, disse que a data “não é uma homenagem às mulheres que lutaram por direitos, mas uma promoção ideológica e política, algo que não faz bem à mulher nem à sociedade em geral”. Para a deputada, esse mal seria fruto da “ideologia de gênero” e não buscaria melhorar a condição das mulheres, mas dividir a sociedade e “acrescentar a distância entre os sexos, querendo demonstrar que, pela fraqueza das mulheres, é necessário que lhe presenteiem com cotas”.

Em junho de 2021, durante a defesa de um projeto que alterava regras de guarda compartilhada, do qual era uma das autoras, Monzillo afirmou que “o papel do pai é diferente do da mãe, se complementam. Ante a falta de um progenitor, a criança sempre será órfã”. Ela criticou mulheres que se negam a compartilhar a guarda dos filhos, assim como os homens que não levantam sua voz por medo do politicamente correto. Propôs uma mudança de

¹ Em 2024, Ines Monzillo deixou o Cabildo e se filou ao Partido Colaorado.

comportamento: “deixemos de legislar por ordens impostas e compromissos políticos e escutemos objetivamente e verdadeiramente os verdadeiros envolvidos”.

Em sua luta ideológica, o discurso do CA concentra seus esforços no campo da educação. Para os líderes da legenda, o sistema educacional foi cooptado por uma ideologia de gênero, responsável por impor a crianças de 5 ou 6 anos que seu sexo é opcional, uma construção social. A avaliação é ponto em comum com as demais organizações de direita do Uruguai. Um dos principais assuntos que ocupa os *cabildantes* é a revisão do passado político, especialmente a história das décadas anteriores à ditadura. Considerando que a “história oficial mente”, Domenech, em audiência no ano de 2020, afirmou que as esquerdas de 1950 e 1960 se nucleavam em organizações armadas que “pretendiam pela força, (...) mudar nossa forma de governar e impor um regime que, por sorte, ou graças a Deus, não conseguiram impor no país”. Para o senador, caso as esquerdas não tivessem sido impedidas, os uruguaios teriam “as liberdades violadas como na Nicarágua, na Venezuela e em Cuba”.

O Cabildo também produziu um relato próprio sobre os anos que antecederam a ditadura militar. Manini Ríos declarou que foram “décadas em os uruguaios viveram surpresos, temerosos e ameaçados por uma escalada sangrenta”. O político questionou um suposto ocultamento dos mortos dessa época nos livros de história e considerou que se apagaram quatro mortes que, segundo ele, “deram lugar à reação das Forças Conjuntas. Apontou que o Poder Executivo à época, com a aprovação da Assembleia Geral, declarou o Estado de guerra interna, dando lugar à intervenção militar “diante do estado de amedrontamento no qual se encontrava a justiça ordinária, depois de uma onda de ameaças e sequestros sofridos pelos integrantes. Domenech considerou que essa visão “distorcida” é validada por uma lei que deixava uma imagem da “não existência no ano de 1968 de uma democracia plena no país”. Nesse sentido, “considero uma ofensa para quem vive nessa época e somos cientes da realidade (...) sabemos que a Constituição foi respeitada até 1973”.

Essa tentativa de reconstruir também ganha forma no projeto de lei, apresentado acima, que busca uma reparação às vítimas de atos de “grupos ideológicos”. A proposta previa que esse ressarcimento não fosse somente econômico, mas também por “implantar ou introduzir nos textos de estudo de todos os âmbitos da educação, a verdadeira história, o testemunho dessa gente que foi vítima desse agir”. O texto propunha uma equiparação da violência de grupos armados à violência cometida pelo Estado durante o regime autoritário

(Vázquez e Del Rio, 2023). No texto, o partido homenageou civis que elencam como consideram vítimas de grupos ideológicos.

O discurso considera que uma união nacional não é possível porque ainda são abordados assuntos que “remetem às décadas de sessenta e setenta” e os “violentos de então foram vitoriosos sobre os que buscavam construir um futuro”. Para Domenech, “os violentos continuaram triunfando, pois, ao chegarem ao governo, acabam cumprindo mandatos extensos. Rios avaliou que a esquerda “buscava eternizar a fratura na nossa sociedade e fazia correr generosamente os recursos para manter aceso o fogo que ardeu há meio século”. É no antagonismo a estes violentos que o Cabildo Abierto constrói sua identidade.

2.3 Análise das informações (dados) coletados

Considerando que existe uma oferta de populismo de direita radical, resta observar se esta tem uma demanda canalizada na sociedade uruguaia. Deste modo, observamos as variáveis antes mencionadas para localizar no caso uruguaio o contexto dessa relação, tendo como referência as atitudes latentes da população. Examinamos a conjuntura, mais concretamente como as condições que tendem a beneficiar a emergência de uma organização que representa o populismo de direita radical.

Tentando conseguir uma aproximação da situação contextual com as atitudes populistas, buscamos os dados para expormos essa relação nas rodadas de surveys do Barômetro das Américas, realizadas pelo Lapop entre 2016 e 2023, ou seja, nos anos que antecedem a entrada do Cabildo Abierto no sistema político uruguaio e a sondagem realizada logo após as eleições nacional de 2019. Para medir o contexto que permite a emergência e as atitudes populistas, optamos por questões relacionadas às dimensões econômica e política e que envolvam temas diretamente relacionados à estrutura ideacional do populismo radical direita. As tabelas abaixo oferecem um quadro sobre a proposta deste artigo.

Você considera que sua situação econômica atual é melhor, igual ou pior que a de doze meses atrás?

Respostas	2016	2018	2021	2023
Piorou	31,5%	34,4%	45,9%	37,1%
Estável	48,8%	47,7%	44,3%	44,8%
Melhorou	19,7%	17,9%	9,8%	18,1%

Você se sente muito seguro, algo seguro, algo inseguro ou muito inseguro?

Respostas	2016	2018	2021	2023
Muito Inseguro	12,8%	16,5%	11,9%	15,0%
Um pouco inseguro	30,7%	31,2%	31,0%	26,6%
Um pouco seguro	38,2%	34,3%	36,7%	37,2%
Muito Seguro	18,3%	18,0%	20,4%	21,2%

Pensando nos políticos do país, quantos considera que estão envolvidos em corrupção?

Respostas	2016	2018	2021	2023
Nenhum	2,9%	3,5%	6,5%	2,7%
Menos da metade deles	31,7%	25,5%	33,6%	29,9%
Metade deles	25,4%	20,7%	25,6%	26,6%
Mais da metade deles	29,8%	30,5%	26,1%	26,9%
Todos	10,2%	19,8%	8,2%	13,9%

Pode ser que a democracia tenha problemas, mas é melhor que qualquer outra forma de governo. Até que ponto concorda com essa afirmação?

Respostas	2016	2018	2021	2023
Discorda Totalmente	2%	4,5%	4,5%	3,4%
2	2,2%	2,2%	2,2%	2,4%
3	3,4%	5%	5,7%	5,9%
4	9,9%	12,1%	7,7%	12,8%
5	13,1%	14,5%	19,8%	15,7%
6	18,6%	15,7%	16,3%	17,6%
Concorda Totalmente	50,8%	46%	43,8%	42,2%

Você diria que está muito satisfeito, satisfeito, insatisfeito ou muito insatisfeito com a forma em que funciona a democracia no seu país?

Respostas	2016	2018	2021	2023
Muito Insatisfeito	5,2%	8,5%	3,6%	5,4%
Insatisfeito	27,2%	32%	14,2%	25,6%
Satisfeito	57,3%	48,7%	62,2%	57,9%
Muito Satisfeito	10,3%	10,8%	19,9%	11,1%

Na sua opinião, se justificaria um golpe de estado pelos militares ante muita delinquência?

Respostas	2016	2018	2021	2023
Não se justifica	74,6%	76,2%	%	79,9%
Se justifica	25,4%	23,8%	%	20,1%

Fonte: Base de dados das rodas de surveys do Barômetro das Américas (2016; 2018, 2021 e 2023.)

Este trabalho entende que a medição destas variáveis é um primeiro passo, ainda que inicial, para compreensão demanda do populismo de direita. Considera assim a importância da utilização dos métodos mistos para garantir uma explicação aprofundada e completa do fenómeno.

Considerações finais

O presente trabalho se preocupou em entender se o partido *Cabildo Abierto* no Uruguai pode ser considerado um caso de populismo de direita radical, para isto buscou analisar o partido a partir da definição ideacional de populismo e observar elementos conjunturais do país, assim como alguns aspectos atitudinais da população. Colocamos em perspectiva sua formação, declarações dos membros e propostas que se relacionam com os assuntos centrais deste tipo de populismo de direita radical num nível mundial.

Assim sendo, um conjunto achados interessantes nos permitiu compreender melhor o caso uruguaio. Primeiramente cabe destacar que o surgimento de *Cabildo Abierto* no Uruguai coincide com a literatura que aponta a uma reação da direita ante a onda rosa em um contexto de esvaziamento da direita tradicional mais conservadora na América Latina. Este partido parece ter vindo ocupar um espaço que outrora foi reservado por outros partidos ou facções, mas que após a transição democrática foram perdendo espaço. Isto pode ser observado quando remontamos a origem de seus membros fundacionais e de suas propostas, especialmente em questões de gênero, de justiça transicional e de punitivismo. Estes aspectos aparecem repetidamente em uma série de discurso, seja em audições radiais do partido seja em intervenções nas câmaras legislativas, deixando clara a visão de mundo do CA.

Uma particularidade do caso uruguaio é que, diferentemente dos seus vizinhos latino-americanos, é que a população tende a não se sentir muito insegura e considera sua situação economicamente estável; por outro lado, em relação à corrupção, há uma percepção de que ela não é abrangente no meio político, mas existem alguns políticos corruptos, um sentimento que não é generalizado. Os dados relevam que os uruguaios, em sua maioria, consideram a democracia a melhor forma de governo e tendem a estar satisfeitos com ela no país. A maioria também não daria suporte a um golpe de Estado. A partir destes dados, temos um intrigante ambiente que propiciou o surgimento de um partido como CA, já que desde seu slogan até suas propostas mobilizam valores que não parecem ser os majoritários na população.

Neste sentido, torna-se interessante observar a formação do antagonismo deste partido, uma vez que, apesar de contar com um eleitorado reduzido, ele revela uma capacidade de mobilizar insatisfeitos com as políticas progressistas realizadas durante o governo da Frente Ampla e impulsionadas por organizações internacionais. Deste modo, o partido populista de direita radical dá sinais de um poder de mobilizar um “povo” que compartilha sua visão maniqueísta onde os políticos são corruptos, antinacionalistas e “os outros” pretendem minar a identidade e unidade nacional.

A formação do “nós” que este partido defende também é uma novidade, a diferença de outros casos, como o brasileiro, muito ancorado nos valores evangélicos, o uruguaio se baseia em elementos da história nacional. Apesar de sua relação próximo à igreja católica, a agremiação não opera principalmente nestes valores, assim se refere não a família como a imagem católica, mas baseada na ideia do “mundo rural”, que também funciona por meio de uma hierárquica e tem caráter patriarcal. Isto lhe permite reivindicar um passado nacional reinterpretado, em que a nacionalidade se vincula ao militarismo das lutas pela independência e se confunde com os eventos da década de 1960 e 1970, ambos momentos em que foi necessário defender a soberania nacional.

Ao apresentamos esse nova organização, tendo como referência um contexto e uma institucionalização específicas, acreditamos que futuros trabalhos poderão comparar os casos da América Latina com outras experiências, assim como aprofundar o uso de métodos quantitativos e qualitativos que permitam observar não somente mais casos como também mais variáveis que permitam uma compreensão mais bem elaborada das particularidades do populismo no continente.

Referências bibliográficas:

AGUILAR, Rosario; CARLIN, Rayan. Ideational Populism in Chile? A Case Study. *Swiss Polit Sci Rev*, 23: 404-422, 2017.

BUCHELI GABRIEL. O se está con la patria o se está contra ella: una historia de Juventud Uruguaya de Pie. 2. ed. Montevideo: Fin de Siglo, 2020.

BOBBIO, Norberto. Derecha e Izquierda: Razones y significados de una distinción política, Madrid, Taurus, 1996.

BROQUETAS, Magdalena; CAETANO, Gerardo. La ola de ultraderecha llega a Uruguay. *Latin America's Far Right Reborn*, NACLA, Report on the Americas, v. 56 n.1, 2024.

CAETANO, Gerardo. El liberalismo conservador. *Genealogías*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2021.

CAETANO, Gerardo; SELIOS, Lucía; NIETO, Ernesto. «Descontentos y «cisnes negros»: las elecciones en Uruguay en 2019", en «Araucaria. Revista Iberoamericana de Filosofía, Política, Humanidades y Relaciones Internacionales», Vol 21, N° 42, pp. 277 a 311, 2019.

CARDOSO, Fernando Henrique. FALETTO, Enzo. Dependencia y Desarrollo en América Latina: ensayo de interpretación sociológica, Siglo XXI Editores, 1969.

CASULLO, Maria; ARAÚZ, Harry. El populismo en América Central. La pieza clave para comprender un fenómeno global, Siglo XXI, 2023.

DI TELLA, Torcuato. Desarrollo económico y populismo en la Argentina. Amorrortu, 1965.

FORTI, Steven. Extrema derecha 2.0. Qué es y cómo combatirla. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2021.

GERMANI, Gino. Política y Sociedad en una época en transición, de la sociedad tradicional a la sociedad de masa. Buenos Aires: Paidós, 1964.

GOMES, Neto; ALBUQUERQUE, Rodrigo; SILVA, Renan. Estudos de Caso. Manual Para a Pesquisa Empírica Qualitativa. Petrópolis. Editora Vozes, 2024.

HAWKINS, Kirk; KASLTWASSER, Cristóbal. The Ideational Approach to Populism. Latin American Research Review, 2017.

IANNI, Octávio. Formação do Estado populista na América Latina. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.

LACLAU, Ernesto. (2005) La razón populista. Cidade: Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 2005.

Latin American Public Opinion Project (LAPOP). LAPOP. Disponível em: <https://www.vanderbilt.edu/lapop/>

La diaria. La reforma Vivir sin Miedo tuvo su aprobación más alta entre votantes blancos y de Cabildo Abierto, 28 de octubre de 2019. Disponível em: <https://ladiaria.com.uy/elecciones/articulo/2019/10/la-reforma-vivir-sin-miedo-tuvo-su-aprobacion-mas-alta-entre-votantes-blancos-y-de-cabildo-abierto/>

LUNA, Juan Pablo; KALTSWASSER, Cristóbal. Castigo a los oficialismos y ciclo político de derecha en América Latina. Revista Uruguaya de Ciencia Política, [S. l.], v. 30, n. 1, p. 135–155, 2014. Disponível em: <https://rucp.cienciassociales.edu.uy/index.php/rucp/article/view/482>.

MARTIARENA, Agustina. A direita reage e se reinventa: a irrupção de Cabildo Abierto no cenário político uruguaio. 2021. 178 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

MUDDE, Cas. The populist zeitgeist: Government and Opposition, 2005.

_____. Populism: An Ideational Approach, The Oxford Handbook of Populism, 2017.

_____. La ultraderecha hoy. España, Paidós, 2021.

MUDDE, Cas; ROVIRA KALTWASSER, Cristóbal. Populismo: Una breve introducción. Alianza editorial, 2019.

NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald. Cultural Backlash: Trump, Brexit, and Authoritarian Populism. Nueva York: Cambridge University Press, 2019.

ROODUIJN, Matthijs. The nucleus of populism: In search of the lowest common denominator. *Government and opposition*, v. 49, n. 4, p. 573-599, 2014.

ROSANVALLON, Pierre. El siglo del populismo. Historia, teoría, crítica. Buenos Aires: Manantial, 2020.

ROVIRA KALTWASSER, Cristobal. La ultraderecha en América Latina: definiciones y explicaciones, Friedrich-Ebert-Stiftung, 2023. Disponible em: <https://ultra-lab.cl/index.php>

PANIZZA, Francesco, (ed.) Populism and the Mirror of Democracy. Phronesis. Verso (Firm: London, England), London, UK, 2005.

SANAHUJA, José; LÓPEZ, Camilo. La nueva extrema derecha neopatriota latinoamericana: el internacionalismo reaccionario y su desafío al orden liberal internacional. *Conjuntura Austral*, v. 11, n.55, 2020 Disponible em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/106956/58612>

_____. Las “nuevas derechas” y la ultraderecha neopatriota: conceptos, teoría y debates en el cruce de ideología y globalización. In: SANAHUJA, José Antonio; STEFANONI, Pablo (org.). *Extremas derechas y democracia: perspectivas iberoamericanas*. Madrid: Fundación Carolina, p. 13-36, 2023.

SILVA, F. Allana; FREIXO, de Adriano. Da “onda rosa” à “maré azul”: crise e mudança no sistema partidário uruguaio (2005-2019). *Revista Mosaico*. Rio de Janeiro, vol.15; nº 24, 2023.

TANSCHKEIT, Talita São Thiago. La ultraderecha en Uruguay: Guido Manini Ríos e Cabildo Abierto, Friedrich-Ebert-Stiftung, 2023. Disponible em: <https://ultra-lab.cl/index.php>

WEFFORT, Francisco. O populismo na política brasileira Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

WEYLAND, Kurt. Clarifying a Contested Concept. *Comparative Politics*, 34(1), 1-22, 2001.

YIN, Robert K. Estudo de Caso. Planejamento e Métodos. Porto Alegre. Editora Bookman, 2015.